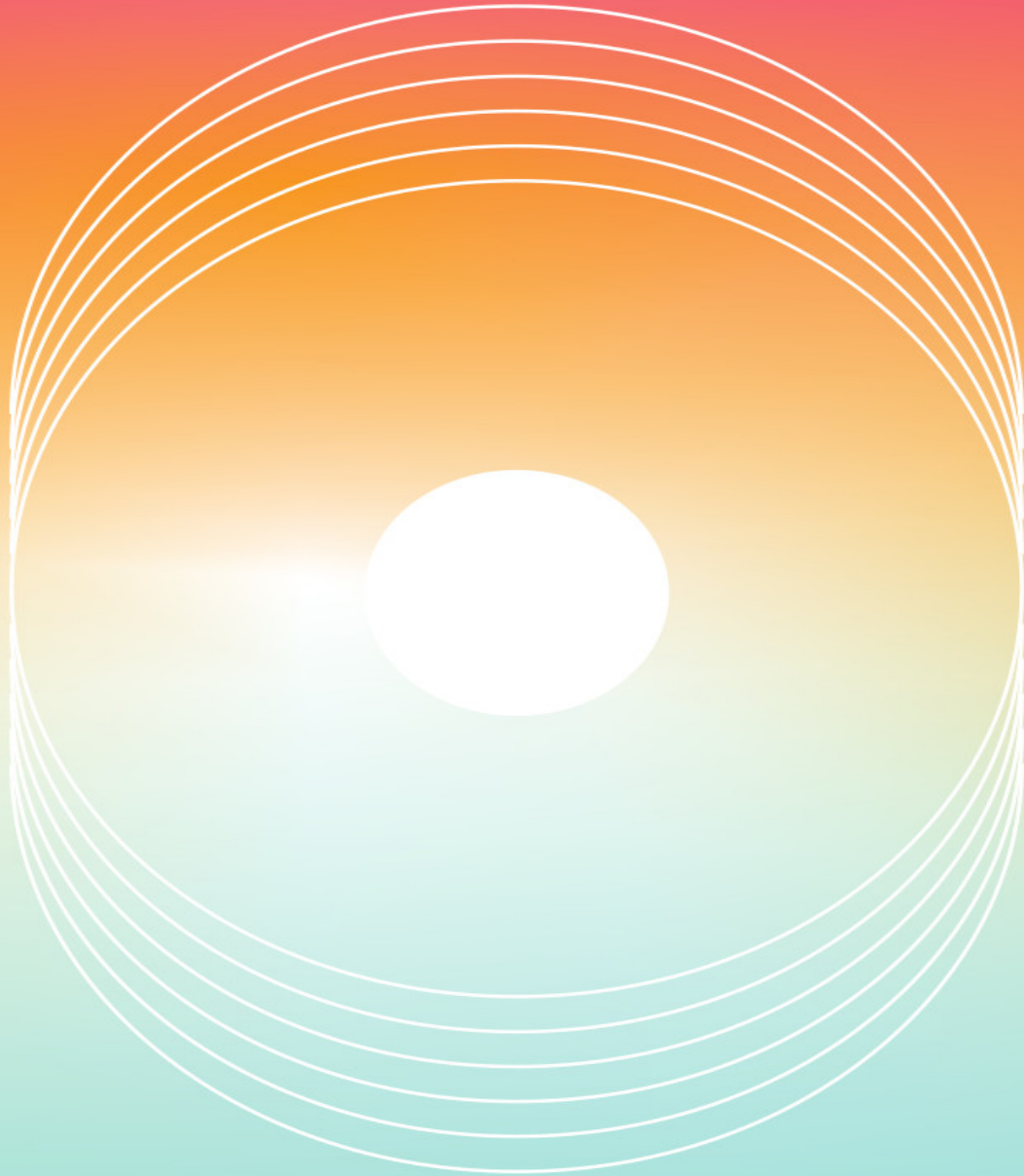


Gary Zukav



*“Um estudo completo sobre o pensamento humano,
a evolução e a reencarnação.” – The Library Journal*

AMORADA DA ALMA

Gary Zukav

**A MORADA
DA ALMA**

TRADUÇÃO

Guilherme Miranda

goyo

*Este livro é dedicado a meus pais, Morris L. Zukav e Lorene
Zukav, com amor, respeito e gratidão.*

*Sou grato pelo amor alegre, pelo apoio contínuo e pela
criatividade sem fim de Linda Francis, minha companheira
espiritual desde 1993 e, provavelmente, desde muito antes.
Sempre me impressiono — em nossos momentos tenros e de
discordância — que não apenas a amo, mas amo amá-la. Esta
edição expandida, reenergizada e rededicada carrega dentro de
si o compromisso que compartilhamos de criar poder autêntico e
parcerias espirituais, e apoiar pessoas pelo mundo a criá-las
também. Obrigado, amada.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS, por Oprah Winfrey

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS, por dra. Maya Angelou

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Evolução
2. Carma
3. Reverência
4. Coração

CRIAÇÃO

5. Intuição
6. Luz
7. Intenção I
8. Intenção II

RESPONSABILIDADE

9. Escolha
10. Vício
11. Relacionamentos
12. Almas

PODER

13. Psicologia

14. Ilusão

15. Poder

16. Confiança

UM CONVITE

GUIA DE ESTUDO

LISTA DE TERMOS PARA BUSCA

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS

Oprah Winfrey

Li *A morada da alma* pela primeira vez em 1989.

Como faço com todos os livros que me deixam interessada, eu também comprei exemplares para meus amigos e colegas para que todos pudéssemos lê-lo ao mesmo tempo. Acabei sendo a primeira a terminar, o que significava que não tinha ninguém com quem conversar sobre o livro. Então, peguei a lista telefônica de Mount Shasta, Califórnia, e liguei para Gary Zukav.

— Sr. Zukav, olá, meu nome é Oprah. Só gostaria de conversar com o senhor sobre seu livro e adoraria que viesse ao meu programa e compartilhasse suas...

— Como você disse que se chama mesmo?

— Oprah.

— Poderia soletrar para mim, por favor? — ele pediu.

— O-p-r-a-h, e o “h” é mudo” — expliquei.

Então contei para ele que tinha um *talk show* e tive que explicar o que era um *talk show*, porque Gary estava sem tv havia muitos anos. Isso, claro, me deixou ainda mais ansiosa para conversar com ele. Eu queria saber como ele sabia o que sabia. As coisas que ele havia escrito repercutiram de maneira tão profunda em mim e me pareceram tão verdadeiras, mas como ele podia ter certeza?

* * *

A morada da alma mudou a forma como me vejo. Mudou a forma como enxergo o mundo. Causou uma mudança profunda na maneira como conduzo todos os meus relacionamentos, profissionais e pessoais.

O livro chegou a mim no momento perfeito — num momento de minha vida em que eu estava pronta e aberta para mais. Mais conexão. Mais harmonia. Mais paz. Mais alegria. Eu podia sentir que nossa existência não se resumia às experiências do dia a dia e aos rituais de trabalho e relacionamentos, que a vida não se resumia ao que nossos cinco sentidos conseguiam perceber.

A morada da alma colocou em palavras o que minha alma já sabia e vinha tentando me dizer. Foi um despertar tão emocionante ver escrito no papel o que eu não tinha encontrado na linguagem para articular sozinha. Quando li as palavras “percepção multissensorial” pela primeira vez, senti como se Gary tivesse tocado em um nervo. De fato, o livro parecia uma grande explosão multissensorial. Para onde quer que eu olhasse depois de lê-lo, via e vivenciava a vida sob uma nova luz.

O livro de Gary foi um momento de revelação após o outro, todos me guiando na direção de um verdadeiro norte. Minha reflexão favorita: “Quando a personalidade passa a servir plenamente a energia de sua alma, isso é empoderamento autêntico”.

Não é segredo que tenho uma personalidade forte. Uso isso a meu favor desde a terceira série. Mas usar essa personalidade para servir minha alma — e fazer com que as duas estivessem alinhadas — mudou a forma como eu fazia tudo. De repente reconheci todos os momentos em que perdi o rumo ao permitir que minha personalidade dominasse. Comecei a notar que o grau em que eu sentia infelicidade, desconforto ou desespero era

diretamente proporcional a como tinha me permitido me afastar da morada da minha alma.

O capítulo que mais me instigou foi aquele sobre intenção. Estas palavras se tornaram minha crença viva: “Toda ação, todo pensamento e todo sentimento são motivados por uma intenção, e essa intenção é uma causa que existe indissociável a um efeito. Se participamos da causa, não é possível que não participemos do efeito. Nesse sentido mais profundo, somos responsáveis por todas as ações, todos os pensamentos e todos os sentimentos, ou seja, por todas as nossas intenções”. Essas palavras mudaram minha vida.

Antes de ler *A morada da alma*, eu sofria da doença de agradar. Como milhões de pessoas, em sua maioria mulheres, era escrava das necessidades, das vontades e dos desejos dos outros. Dizia sim quando o que realmente queria era dizer não. Despendia energia e tempo preciosos, dinheiro, presentes — o que me fosse pedido — simplesmente para evitar a possibilidade de chatear alguém. Já voei de Chicago à Espanha, subi em um palco por 45 segundos no evento beneficente de um amigo, então embarquei em um avião e voei direto para trabalhar em meu programa — tudo porque não sabia dizer não. Até hoje, não saberia dizer qual era a finalidade do evento beneficente.

Esse tipo de coisa acontecia muito comigo. Minha vida era um turbilhão de evento após o outro, palestras, aparições para quase qualquer pessoa que pedisse. Eu queria que as pessoas gostassem de mim. E imaginava que elas gostariam desde que desse a elas o que queriam.

Minha revelação foi reconhecer que a intenção de ser querida estava causando todos aqueles pedidos. Causa e efeito. Se sua intenção é fazer o que as pessoas querem, elas vão continuar pedindo para você fazer exatamente isso. Esse foi um momento de descoberta! Quando minha intenção passou a se concentrar em fazer o que eu queria, o que achava digno do meu tempo, o efeito mudou automaticamente.

Vinte e cinco anos depois, hoje, para mim, agir com propósito intencional é como respirar, mas tive que aprender a prática pelas páginas de *A morada da alma*. O princípio da intenção de Gary Zukav alterou fundamentalmente todas as minhas ações. Mudou até a consciência do *The Oprah Winfrey Show*. Quando começamos, os produtores apresentavam suas ideias em uma reunião semanal, mas, depois de encontrar as ideias de Gary em *A morada da alma*, criei uma regra nova. Para todos os produtores, eu dizia: primeiro diga sua intenção para o programa. Por que você quer fazer isso? Qual quer que seja o resultado?

Às vezes, os produtores — que tinham que criar duzentos episódios por ano — inventavam uma intenção só para me agradar, e eu dizia: “Não, não é um motivo bom o suficiente”. Mesmo se a intenção não tivesse nenhum valor especial além de: “Só queremos entreter as pessoas e ter uma audiência alta”, eu incentivava todos a serem claros sobre ela. Basta defender seu argumento com intenção e propósito para que o resultado venha.

Na primeira aparição de Gary Zukav em meu programa, em 1998, discutimos a natureza da alma. Essa entrevista deu um rumo novo a minha carreira. Trazer espiritualidade à televisão diurna era um território inexplorado. Ter uma conversa sobre consciência, responsabilidade, intenção e lei de causa e efeito não era exatamente o tipo de programa que aumentava a audiência, mas eu disse a mim mesma: se não agora, quando? Para ser sincera, se eu não fosse criadora e produtora executiva do programa, as 36 aparições de Gary ao longo dos anos nunca teriam acontecido. Meus produtores estavam convencidos no começo de que a televisão não estava pronta para uma conversa sobre a alma.

Mas o rumo que tomei funcionou bem para mim. E continuo a explorar o lado espiritual da vida em meu próprio canal de televisão a cabo. Para ser

franca, acho que eu nem teria sonhado em criar um canal como esse se não tivesse lido *A morada da alma*.

Já dei aulas de liderança na Oprah Winfrey Leadership Academy for Girls com a ajuda de *A morada da alma*. Usei seus princípios para dar aulas a estudantes do ensino fundamental e médio, e até do MBA da Kellogg School of Management. Sinto uma explosão de satisfação toda vez que alguém lê este livro e sente o assombro que senti 25 anos atrás. Se estiver pronto para ver o mundo de uma forma nova, se estiver pronto para que sua vida se abra e se transforme, se estiver pronto para um despertar emocionante, acho que você vai sentir isso também.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS

Dra. Maya Angelou

Coragem é a mais importante de todas as virtudes porque, sem coragem, não se pode praticar nenhuma virtude de modo regular. Podemos ser gentis, generosos, justos, corteses e misericordiosos de maneira esporádica, mas praticar essas virtudes regularmente exige uma manifestação enorme de coragem. Desde a infância fomos ensinados que o coração, a mente e a personalidade, o espírito e a alma ganharam vida juntos, ocupando o mesmo espaço, e vão embora juntos na hora da morte.

O intrépido e audacioso Gary Zukav, em seu livro *A morada da alma*, introduz um conceito novo para a minha mente, ou melhor, um conceito que encontrei em minha juventude em uma canção de *Negro Spiritual*¹ que me confundia, porque a letra sugeria que dor, alegria, choro e riso estavam juntos quando vinha a morte, e que partiam juntos rumo a ela.

A canção, porém, que com frequência é chamada de “Deus de alma”, informa o ouvinte de que a alma nunca morre, mas segue em frente e traz à vida outra mente e personalidade, bem como outros problemas e alegrias. Ela carregaria a experiência dos vivos até que a morte a aliviasse de sua responsabilidade. Então, quando morressem, a alma ou Deus seguiria porque não poderia morrer.

Em seu livro *A morada da alma*, Zukav, um pensador respeitável, é capaz de mostrar ao leitor como a evolução humana se dá por meio da continuidade da alma e da capacidade que uma personalidade tem de

morrer e renascer um pouco melhor, um pouco mais forte e mais audaciosa.

Não sei se o poeta que há em Zukav pegou sua mão e pediu que ele contasse as verdades duras com a mesma facilidade com que os salgueiros se curvam graciosamente à margem de um riacho. Há certos leitores que escolhem livros para leituras de verão, e outros que escolhem livros para entretenimento nas férias. O leitor que escolher *A morada da alma* deve colocá-lo numa prateleira perto da cama, ou sobre uma mesa de cabeceira que ostente uma luminária boa e forte.

Guardo meu segundo exemplar do livro coberto com plástico sobre a mesa da cozinha, para que fique protegido dos anos de uso e para que o azeite de oliva de uma salada recém-preparada não manche a capa.

Depois de ler o livro de Zukav pela décima vez, ainda o acho estarrecedor. Lembro-me de uma peça que escrevi, chamada *And Still I Rise*. Os dois personagens na peça (homem e mulher) morreram e se encontraram no que pensam ser uma sala de espera. Uma criatura demoníaca aparece. O personagem masculino, chamado Zebediah, diz: “Sei quem você é. Você é o guardião do portão. Vai nos levar ao lugar a que devemos ir — céu ou inferno”.

A personagem feminina, Annabel, acrescenta: “Não tive sucesso, mas realmente tentei levar uma vida boa, honesta, generosa, justa”.

A criatura sobrenatural começa uma risadinha que se transforma numa gargalhada enorme. Ela olha para os dois personagens de aparência lastimável e diz: “Sempre fico surpreso, até espantado, pela condição da imaginação humana. Vocês acham que há apenas um céu ou inferno. Zebediah e Annabel, apenas nos futuros de vocês talvez haja uns oitocentos destinos”.

Em minha peça, Annabel e Zebediah, que estavam sentados separadamente, vão se movendo um em direção ao outro sem parecer

notar. De repente, estão próximos o suficiente para se abraçar. E se abraçam.

A letra da canção de *Negro Spiritual* do século 19 é:

*Em breve, não me envolverei mais com os problemas do mundo,
Os problemas do mundo,
Os problemas do mundo,
Vou para casa encontrar meu Deus.
Nada de chorar e lamentar,
Nada de rir e dançar,
Nada de gemer e gritar,
Vou para casa encontrar meu Deus.*

Obviamente, o poeta decidiu que as minúcias da vida diária ocupam um espaço e que a verdadeira alma do poeta vive em outro espaço que o poeta chama de Deus.

Sugiro que o novo leitor de Zukav se aconchegue para compartilhar este livro com alguém calmo e com um senso de humor maravilhoso porque, quando as ideias de Zukav param de desafiá-lo, você vai rir com a risada maravilhosa de quem descobre ter encontrado um novo continente.

*Nada de chorar e lamentar.
Nada de chorar e lamentar.
Vou para casa encontrar minha alma.*

1. Gênero musical interpretado por afro-americanos escravizados que faz uso de movimentos rítmicos do corpo e de palmas como acompanhamento da música. [N. E.]

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS

Esta edição de aniversário de *A morada da alma* me enche de gratidão e alegria. Depois que terminei o manuscrito, há 25 anos, parei com ele me perguntando se alguém o leria e, se alguém o lesse, se o entenderia. No meio desses pensamentos, outro surgiu, mais alto e mais claro. Dizia: “Não se preocupe. Essa flecha acertará o alvo”. *A morada da alma* encontrou seu caminho para milhões de corações, e a flecha ainda está em voo.

Enquanto escrevia meu primeiro livro, *The Dancing Wu Li Masters: An Overview of the New Physics*, descobri — para minha grande surpresa — a inspiração que vinha além de minha mente, de inteligências que eu não conseguia articular e da eletricidade de criar conscientemente com uma intenção construtiva. Eu nunca tinha sentido nada assim antes. Adorei essas experiências, mas, em sua maioria, eu me esqueci delas depois que o livro estava finalizado.

The Dancing Wu Li Masters: An Overview of the New Physics — que ganhou o American Book Award for Science — me consolidou como um popularizador da ciência moderna. Muitas pessoas esperavam que escrevesse uma sequência, um *Son-of-Wu-Li-Masters*, que explicasse mais da ciência de ponta. Em vez disso, meu livro seguinte era sobre evolução, reencarnação, carma e alma. Era sobre percepção-consciente² emocional, escolha responsável e intuição. Era sobre uma transformação sem precedentes da consciência humana e o surgimento de um novo poder — o da autenticidade. Em suma, o livro novo era sobre uma nova espécie humana, suas novas capacidades e seu novo potencial.

Esse livro era *A morada da alma*. Fiquei mais surpreso do que ninguém por ele. Tudo de extraordinário que me tocou brevemente enquanto eu escrevia *The Dancing Wu Li Masters* voltou de forma inegável, inconfundível e irrevogável a minha percepção-consciente. Descobri a realidade não física. Ainda estou desenvolvendo essa descoberta. Todas as pessoas criativas — ou seja, todo mundo — precisam de dedicação, tempo e coragem para desenvolver suas ideias. Inspiração é uma coisa. Aplicá-la a sua vida é outra. Minha amiga Maya Angelou me diz que, quando as pessoas falam para ela “sou cristão”, ela responde: “Sério? Já? Tenho mais de oitenta anos e ainda estou tentando”. Assim como Maya, ainda estou aprendendo, ainda estou tentando colocar em prática as ideias mais importantes de minha vida, e ainda estou mudando para melhor.

Ler *A morada da alma* 25 anos depois de tê-lo escrito foi uma experiência completamente surpreendente e profundamente gratificante. O livro me pareceu perfeito. Cada frase carregava um sentido para mim. Não demorou para quase o livro todo estar sublinhado. Eu estava sedento pelas palavras. Elas se infiltraram em mim como água em areia seca. Elas me nutriram e tranquilizaram. A bênção que senti quando estava escrevendo este livro voltou ampliada inúmeras vezes. Eu me deleitei com isso. Pensei que sabia de tudo. Afinal, eu digitei, editei e falei sobre isso por anos. Mas reler o livro me mostrou que eu tinha coisas a lembrar, mais a aprender e muito mais a praticar.

A morada da alma trouxe pessoas incríveis para minha vida. Duas delas, em particular, me tocaram de maneira mais profunda do que eu poderia ter imaginado e continuam a me apoiar de formas que me emocionam e me surpreendem.

A primeira é Linda Francis. Não me lembro do momento em que nos conhecemos, embora ela se lembre. Nós nos reencontramos um ano depois num pequeno retiro em que eu estava discursando. Lembro-me de tudo sobre esse encontro. Eu estava rodeado por pessoas afetuosas, e me

peguei afastando uma delas — Linda. Não queria nenhum dos abraços que ela distribuía tão generosamente. Esse foi meu primeiro indício de que partes de mim se sentiam ameaçadas por ela, mas eu não tinha consciência suficiente para reconhecer isso. Tampouco conseguia escapar dela no evento — por exemplo, um amigo guardava um lugar para mim num show, um amigo diferente guardava um lugar para Linda, e os lugares guardados eram juntos. Comecei a compartilhar minha curiosidade com ela. Por que eu a estava afastando? Compartilhei minha intenção de não ser controlado por essa repulsa inusitada. “Não vou recusar seu amor”, eu disse a ela — não um amor romântico, mas o amor que ela tão obviamente sentia por seus amigos no retiro e que também estendeu a mim. No fim do evento, amigos me convidaram para um banho frio de cachoeira com eles. Quando sugeriram que eu convidasse Linda, fiquei irritado.

Linda! Linda! Que história é essa de Linda? Não posso fazer nada neste evento sem Linda? Quando Linda me ligou um mês depois para me contar que estava se mudando para Mount Shasta, na Califórnia, onde eu morava — uma decisão tomada antes do retiro —, me senti assustado e, mais uma vez, curioso. Quando eu e nossos amigos demos as boas-vindas a ela em sua casa nova, fiquei surpreso ao perceber que estava ansioso por sua chegada! Eu estava relaxado, confortável, feliz e aberto. Começamos a visitar um ao outro. De algumas de nossas conversas eu gostava, de outras nem tanto, mas me peguei ansioso por todas. Vários meses depois me ocorreu um pensamento: “Acho que estou num relacionamento!”. Sem as interações sexuais que haviam iniciado meus “relacionamentos” anteriores, formas novas e diferentes de interação começaram a acontecer. Essas foram minhas primeiras experiências em um relacionamento substancial e profundo com a finalidade de crescimento espiritual — uma parceria espiritual. Seis meses depois, cerca de vinte anos atrás, ela se mudou para minha cabana, e continuamos nossa jornada juntos até hoje.

Em nossos anos juntos, maravilhei-me não apenas por amar Linda — algo de que não me considerava capaz quando nos conhecemos —, mas também que *amo a amar!* Essa é a experiência que me intriga. É tão forte em mim agora quanto era quando a descobri. De onde *isso* vem?

A segunda pessoa é Oprah Winfrey. Ela é o instrumento que o Universo escolheu para me catapultar do interior para o mundo. Desconfio que nada menos do que essa força poderia ter conseguido esse efeito. Ela me acolheu em seu coração, sua criatividade e seu famoso *The Oprah Winfrey Show*. Eu vivia recluso numa montanha até que, poucos meses depois, estava falando para dez milhões de pessoas todo mês. Novos amigos surgiam aonde quer que eu fosse pelo mundo, agradecendo-me por um programa, sorrindo de longe para mim. Levei um longo tempo para aceitar que minha vida de isolamento tinha acabado, e ainda mais tempo para lidar bem com isso.

Durante cada programa, eu e Oprah nos sentávamos diante de uma plateia interessada e na companhia de almas semelhantes ao redor do mundo. Ela introduzia um tema, fazia algumas perguntas e, então, com um gesto da mão ou um movimento do rosto, voltava a atenção de milhões de pessoas para mim. Era aterrorizante e assombroso. “Sagrado” é uma palavra melhor. Quando uma revista nacional me abordou para escrever um artigo, ela aconselhou: “É apenas algodão-doce, Gary. Apenas algodão-doce”. O que poderia ter descrito melhor o poder externo? Meu tio adotivo sioux, Phil Lane, disse-me certa vez, depois de assistir a um de nossos programas: “Sobrinho, você está falando como os antigos”. Essa lembrança me enche de força e gratidão. Sou grato a Oprah e ao Universo por todas essas experiências e muito mais.

Nos anos seguintes a meus programas com Oprah, eu e Linda cofundamos o Seat of the Soul Institute, fizemos muitos eventos, escrevemos livros e desenvolvemos programas aprofundados de longo prazo para grupos pequenos. Agora nossa paixão por apoiar pessoas e

parcerias espirituais está mais forte do que nunca, mas viajar se tornou desgastante para nós, portanto criamos novas ferramentas digitais e maneiras inovadoras de usar a internet, como um programa de apoio contínuo, um curso on-line, uma newsletter, a *Spiritual Partnership Community*, lives e outras páginas on-line. Você vai encontrar isso e muito mais em SeatoftheSoul.com. Eu e Linda ainda gostamos de realizar eventos ao vivo quando possível,³ incluindo nosso retiro de verão anual favorito, *The Journey to the Soul*. Espero poder conhecer você pessoalmente em algum deles.

A internet é um reflexo no domínio pentassensorial da percepção-consciente emergente de nossa conexão. Ela não cria, tampouco aumenta, nossa conexão. Não é possível ficarmos mais ou menos conectados do que já somos uns aos outros e à vida. Uma flor pode ser mais ou menos conectada à própria cor? Vamos aproveitar essa bela reflexão juntos e também ver o que ela reflete.

As experiências mais difíceis, gratificantes e emocionantes que tive desde a publicação de *A morada da alma* são minhas experiências de poder autêntico e criação de poder autêntico. Parcerias espirituais, riqueza de cocriação e o maravilhamento da vida foram substituindo lentamente minhas experiências de pessoas como coisas e minhas jornadas atormentadas pela raiva, a inveja, o desespero e o desmerecimento. Ainda encontro partes de minha personalidade que são raivosas, assustadas, invejosas, superiores e inferiores, mas agora as vejo como oportunidades para criar poder autêntico, para escolher de novo. Se eu consigo fazer isso, você também consegue. Sei que, mais cedo ou mais tarde, você vai conseguir. A transformação da consciência que está expandindo nossa percepção para além dos cinco sentidos, redefinindo o poder e nos mostrando o potencial de uma humanidade universal está avançando a pleno vapor.

Cada escolha de medo — raiva, inveja, vingança — é uma escolha de evoluir inconscientemente através de consequências dolorosas e destrutivas que o medo cria. Cada escolha de amor — gratidão, paciência, apreciação — é uma escolha de evoluir conscientemente através de consequências saudáveis e construtivas que o amor cria.

Por que não escolher o caminho consciente, o caminho da alegria? Por que não viajar conscientemente até a morada de sua alma — esse lugar onde a energia é transformada em matéria por suas intenções —, encher seu mundo de amor e habitar nele?

Todos os caminhos levam para casa.

Gary Zukav

2. No original, *awareness*. Não há uma tradução exata em português. O termo é comumente traduzido como “consciência”, “percepção” ou “atenção”. Em muitas publicações, *awareness* é mantido em inglês, pois tem um sentido mais amplo do que o de “consciência”: refere-se a um “estado de alerta” que compreende, inclusive, a consciência da própria consciência. É também um conceito-chave da gestalt-terapia. Neste livro, optou-se por traduzir *awareness* pela palavra composta “percepção-consciente”, no intuito de aproximá-la de seu sentido pleno, deixar bem marcadas todas as ocorrências no texto e facilitar a compreensão do leitor de língua portuguesa. [N. E.]

3. Parceira espiritual de Gary Zukav desde que se conheceram, em 1993, Linda Francis faleceu em agosto de 2022. [N. E.]

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Durante os anos em que escrevi *The Dancing Wu Li Masters* e nos anos seguintes, fui me atraindo de novo e de novo aos escritos de William James, Carl Jung, Benjamin Lee Whorf, Niels Bohr e Albert Einstein. Voltei a eles repetidas vezes. Encontrei neles algo de especial, embora somente depois tenha entendido o que havia de especial neles: esses humanos buscavam algo maior do que conseguiam expressar diretamente por meio de sua obra. Viram mais do que conseguiam expressar na linguagem da psicologia ou da linguística ou da física, e buscaram compartilhar o que viam. E foi justamente o que buscaram compartilhar por meio de sua obra que me atraiu neles.

Eles eram místicos: é assim que os defino. Eles não usariam essa linguagem, mas sabiam disso. Temiam que suas carreiras pudessem se contaminar caso se associassem àqueles que não trabalhavam dentro do modelo científico. Porém, nas profundezas de seus próprios pensamentos, todos eles viam demais para se limitar aos cinco sentidos e, por isso, não se limitavam. Suas obras contribuem não apenas para a evolução da psicologia, da linguística e da física, mas também para a evolução daqueles que as leem. Têm a capacidade de mudar quem entra em contato com elas de formas que também não podem ser expressas diretamente nos termos de psicologia, linguística ou física.

À medida que ia compreendendo, em retrospecto, a qualidade magnética que essas obras exerceram sobre mim, passei a entender que aqueles homens não foram motivados por prêmios terrenos ou o respeito

dos colegas, mas sim que eles dedicaram sua alma e sua mente a algo e tentaram alcançar o lugar extraordinário onde a mente não conseguia mais produzir dados do tipo que eles queriam, então chegaram ao território da inspiração, onde suas intuições se aceleravam, e eles sabiam que havia algo mais do que a esfera do tempo, do espaço e da matéria, algo mais do que a vida física. Eles sabiam disso. Não necessariamente conseguiam articular isso com clareza porque não tinham as ferramentas para falar sobre essas coisas, mas sentiram isso e seus escritos refletiram isso.

Em outras palavras, passei a entender que o que motivou aqueles homens, assim como muitos outros, foi na verdade algo da visão grandiosa que vem de um ponto além da personalidade. Cada um de nós está sendo atraído, de uma forma ou de outra, para essa mesma visão grandiosa. É mais do que uma visão. É uma força crescente. É o próximo passo de nossa jornada evolutiva. A humanidade, a espécie humana, está desejando agora tocar essa força, despir o que interfere no contato claro. Boa parte da dificuldade de fazer isso reside no fato de que o vocabulário com que se referir a essa força nova, que é na verdade a força eterna, ainda não nasceu.

Nesse momento e nessa hora da evolução humana, o vocabulário adequado e a forma de se referir ao que deseja transcender a religiosidade e a espiritualidade, bem como assumir a posição de poder autêntico, estão querendo nascer. Precisamos dar àquilo que nós, enquanto espécie, estamos tocando agora conscientemente pela primeira vez um vocabulário que não seja nebuloso, para que possa ser identificado com clareza nos atos e decisões da raça humana, para que possa ser visto com clareza, e não detrás dos véus de mistério ou misticismo, mas simplesmente como o poder autêntico que move os campos de força desta nossa Terra.

Como uma forma de falar sobre o que somos e o que estamos nos tornando, usei os termos “pentassensorial” e “multissensorial”. O multissensorial não é melhor do que o pentassensorial. É simplesmente

mais adequado. À medida que um sistema de experiências humanas dá lugar ao outro, um sistema mais avançado cresce e o mais antigo pode parecer insuficiente em comparação, porém, da perspectiva do Universo, a linguagem de comparação não é a linguagem do pior e do melhor, e sim da limitação e da oportunidade.

As experiências do humano multissensorial são menos limitadas do que as do humano pentassensorial. Elas oferecem mais oportunidades de crescimento e desenvolvimento e mais oportunidades para evitar dificuldades desnecessárias. Comparo as experiências do humano pentassensorial com as do humano multissensorial em cada exemplo para deixar as diferenças o mais claras possível, mas isso não significa que a fase pentassensorial de nossa evolução, a fase da qual estamos saindo, é negativa em comparação com a fase de nossa evolução em que estamos entrando, a fase multissensorial. Significa simplesmente que não é mais apropriada, assim como chegou um tempo em que o uso de velas se tornou inapropriado por causa da eletricidade, mas o advento da eletricidade não tornou o poder das velas negativo.

Quem de nós é um especialista na experiência humana? Temos apenas o dom de compartilhar percepções que, com sorte, podem ajudar outras pessoas em suas próprias jornadas. Não existe nenhum especialista na experiência humana. A experiência humana é uma experiência de movimento, pensamento e forma e, em alguns casos, um experimento de movimento, pensamento e forma. O máximo que podemos fazer é comentar sobre o movimento, o pensamento e a forma, mas esses comentários serão de grande valor se conseguirem ajudar as pessoas a aprender a se mover com graça, a pensar com clareza e a formar — como artistas — a matéria da vida delas.

Estamos em um momento de profunda transformação. Vamos passar por essa mudança com mais facilidade se conseguirmos ver a estrada em que estamos viajando, nosso destino e o que está em movimento. Ofereço

o que há neste livro como uma janela pela qual passei a ver a vida. Ofereço essa janela a você, mas não digo que é necessário que a aceite. Há muitas formas de alcançar a sabedoria e o coração. Essa é nossa maior riqueza e a que mais me dá alegria.

Temos muito a fazer juntos.

Que façamos isso com sabedoria, amor e alegria.

Que façamos disso a experiência humana.

Gary Zukav

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

EVOLUÇÃO

A evolução a respeito da qual aprendemos na escola é a evolução da forma física. Aprendemos, por exemplo, que as criaturas unicelulares dos oceanos são as predecessoras de todas as formas de vida mais complexas. Um peixe é mais complexo e, portanto, mais evoluído que uma esponja; um cavalo é mais complexo e, portanto, mais evoluído do que uma cobra; um macaco é mais complexo e, portanto, mais evoluído do que um cavalo, e assim por diante, até os seres humanos, que são as formas de vida mais complexas e, portanto, mais evoluídas do planeta. Em outras palavras, somos ensinados que evolução significa o desenvolvimento progressivo da complexidade organizacional.

Essa definição é uma expressão da ideia de que o organismo que melhor consegue controlar seu ambiente, bem como todos os outros organismos nesse mesmo ambiente, é o mais evoluído. A “sobrevivência do mais apto” significa que o organismo mais evoluído em determinado ambiente é aquele no topo da cadeia alimentar. Segundo essa definição, portanto, o organismo mais capaz de garantir a própria sobrevivência e proporcionar a própria autopreservação é o mais evoluído.

Há muito sabemos que essa definição de evolução é inadequada, mas não sabemos por quê. Quando dois humanos interagem, eles são, em termos de complexidade organizacional, igualmente evoluídos. Se ambos têm a mesma inteligência, mas um é mesquinho, maldoso e egoísta,

enquanto o outro é magnânimo e altruísta, dizemos que o magnânimo e altruísta é mais evoluído. Se um humano sacrifica intencionalmente a própria vida para salvar outro humano usando, por exemplo, o próprio corpo como escudo contra uma bala ou um carro em alta velocidade, dizemos que o humano que se sacrificou era, na verdade, o mais evoluído entre nós. Sabemos que essas coisas são verdadeiras, mesmo estando em desacordo com nossa compreensão de evolução.

Dizem que Jesus previu o plano contra a própria vida, até os detalhes de como seus amigos agiriam e reagiriam, mas ele não fugiu do que viu. Toda a humanidade foi moldada inexoravelmente pelo poder e pelo amor daquele que *deu a vida* pelos outros. Todos que o reverenciam, e todos que conhecem sua história, concordam que Jesus foi o mais evoluído de nossa espécie.

Nossa compreensão mais profunda nos diz que um ser verdadeiramente evoluído é aquele que valoriza os outros mais do que a si mesmo, e que valoriza o amor mais do que o mundo físico e o que existe nele. Devemos agora alinhar nossa compreensão de evolução a essa compreensão mais profunda. É importante que façamos isso porque nossa compreensão atual de evolução reflete a fase de que estamos saindo. Ao analisar essa compreensão, entendemos como chegamos até aqui e o que agora estamos no processo de deixar para trás. Ao refletir sobre uma compreensão nova e expandida de evolução que valide nossas verdades mais profundas, podemos ver para que estamos evoluindo e o que isso significa nos termos do que vivenciamos, do que valorizamos e como agimos.

Nossa compreensão atual de evolução resulta do fato de que evoluímos até agora explorando a realidade física com nossos cinco sentidos. Fomos, até agora, seres humanos pentassensoriais. Esse caminho evolucionário nos permitiu ver os princípios básicos do Universo de forma concreta. Vemos através de nossos cinco sentidos que toda ação causa um efeito e

que todo efeito tem uma causa. Vemos os resultados de nossas intenções. Vemos que a raiva mata: leva embora o ar — a força da vida — e derrama sangue — o portador da vitalidade. Vemos que a gentileza nutre. Vemos e sentimos os efeitos de um esgar e de um sorriso.

Vivenciamos nossa capacidade de processar conhecimento. Vemos, por exemplo, que um galho é uma ferramenta, e vemos os efeitos de como decidimos usá-lo. A clava que mata pode servir de estaca no chão para criar um abrigo. A lança que tira uma vida pode ser usada como alavanca para aliviar os fardos dessa vida. A faca que talha a carne pode ser usada para cortar tecido. As mãos que constroem bombas podem ser usadas para construir escolas. As mentes que coordenam atividades de violência podem coordenar atividades de cooperação.

Vemos que, quando as atividades da vida são infundidas por reverência, elas se avivam com significado e propósito. Vemos que, quando falta reverência nas atividades da vida, o resultado é crueldade, violência e solidão. A esfera física é um ambiente de aprendizado magnífico. É uma escola na qual, por meio da experiência, passamos a entender o que nos leva a expandir e o que nos leva a contrair, o que nos leva a crescer e o que nos leva a encolher, o que alimenta nossa alma e o que a esgota, o que funciona e o que não funciona.

Quando o ambiente físico é visto apenas do ponto de vista pentassensorial, a sobrevivência física parece ser o critério fundamental de evolução porque nenhum outro tipo de evolução é detectável. É desse ponto de vista que a “sobrevivência do mais apto” parece ser sinônimo de evolução, e a dominação física parece caracterizar evolução avançada.

Quando a percepção do mundo físico se limita à modalidade pentassensorial, a base da vida na esfera física se torna o medo. Ter poder para controlar o ambiente, bem como aqueles dentro do ambiente, parece essencial.

A necessidade de dominação física produz um tipo de competição que afeta todos os aspectos de nossa vida. Afeta relacionamentos entre namorados e entre superpotências, entre irmãos e entre etnias, entre classes e entre sexos. Desestabiliza a tendência natural de harmonia entre nações e entre amigos. A mesma energia que mandou navios de guerra ao golfo Pérsico mandou soldados ao Vietnã e cruzados à Palestina. A energia que separava a família de Romeu da de Julieta é a mesma que separa a família do marido preto da família da esposa branca. A energia que colocou Lee Harvey Oswald contra John Kennedy é a mesma que colocou Caim contra Abel. Irmãos e irmãs brigam pelo mesmo motivo que corporações: busca de poder um sobre o outro.

O poder de controlar o ambiente e aqueles dentro dele é um poder sobre o que pode ser tocado, cheirado, saboreado, ouvido e visto. Esse tipo de poder é o poder externo. O poder externo pode ser adquirido ou perdido, como na bolsa de valores ou numa eleição. Pode ser comprado ou roubado, transferido ou herdado. É considerado algo que pode ser recebido de outra pessoa ou outro lugar. O ganho de uma pessoa de poder externo é visto como a perda de outra. O resultado de ver o poder como algo externo é a violência e a destruição. Todas as nossas instituições — sociais, econômicas e políticas — refletem nossa compreensão de poder como algo externo.

As famílias, assim como as culturas, são patriarcais ou matriarcais. Uma pessoa “manda na casa”. Crianças aprendem isso desde cedo, o que molda sua vida.

Delegacias de polícia, assim como o exército, são criadas pela percepção de poder como algo externo. Distintivos, coturnos, hierarquia, rádios, uniformes, armas e armaduras são símbolos de medo. Aqueles que os usam têm medo. Temem interagir com o mundo sem defesas. Aqueles que encontram esses símbolos têm medo. Temem o poder que esses símbolos representam, ou temem aqueles que eles acham que esse poder

vai conter, ou ambos. A polícia e o exército, assim como as famílias e culturas patriarcais e matriarcais, não são origens da percepção de poder como externo. São reflexos da forma como nós, como espécie e indivíduos, passamos a ver o poder.

A percepção de poder como algo externo moldou nossa economia. A capacidade de controlar economias, dentro de comunidades e nações, e a capacidade de controlar a economia transnacional do mundo, está concentrada nas mãos de poucas pessoas. Para proteger trabalhadores dessas pessoas, criamos sindicatos. Para proteger consumidores, criamos burocracias no governo. Para proteger os pobres, criamos sistemas de bem-estar social. Esse é um reflexo perfeito de como passamos a ver o poder — como prerrogativa de poucos enquanto a maioria atua como vítima.

Dinheiro é um símbolo de poder externo. Aqueles que têm mais dinheiro têm mais capacidade de controlar o ambiente e as pessoas dentro dele, ao passo que aqueles que têm menos dinheiro têm capacidade limitada de controlar seu ambiente e as pessoas dentro dele. O dinheiro é adquirido, perdido, roubado, herdado e disputado. Educação, status social, fama e propriedades, ainda que tiremos deles uma sensação de maior segurança, são símbolos de poder externo. Tudo que temos medo de perder — uma casa, um carro, um corpo atraente, uma mente ágil, uma convicção profunda — é um símbolo de poder externo. O que tememos é um aumento em nossa vulnerabilidade. Isso resulta de enxergar o poder como algo externo.

Quando o poder é visto como externo, as hierarquias de nossas estruturas sociais, econômicas e políticas, bem como as hierarquias do Universo, parecem indicadores de quem tem e quem não tem poder. Aqueles que se encontram no topo parecem ter mais poder e, portanto, são mais valiosos e menos vulneráveis. Aqueles que estão embaixo parecem ser menos poderosos e, portanto, menos valiosos e mais

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A morada da alma"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).